

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL - CAMPUS DE AQUIDAUANA

Acadêmico (a): 2019.0432.001-5 - Telma Cristina Menacho Batista

Curso: 0432/3 - Letras - Português e Inglês

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO:

UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA REPRESENTAÇÃO DAS ENTIDADES AFRICANAS NO LIVRO “TORTO ARADO” DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR.

O presente trabalho de conclusão de curso tem por objetivo analisar a obra “Torto Arado”, de Itamar Vieira Junior, seguindo uma abordagem voltada à religiosidade. Nessa perspectiva, considera-se relevante, em um primeiro momento, apresentar a obra em análise, de forma minuciosa, com o fito de obter uma melhor compreensão do romance supracitado. Sendo assim, Torto Arado é uma obra marcada pelas narrativas das irmãs Bibiana e Belonísia e de uma entidade encantada. O livro destaca falas femininas que expressam memórias coletivas e atribuladas de desigualdades raciais, sociais e de gênero. Além disso, evoca as resistências ancestrais dos povos quilombolas, suas lutas e ligações com a terra. Por conseguinte, destaca-se que o livro foi escrito pelo geógrafo Itamar Vieira Junior, doutor em estudos étnicos e africanos, pela Universidade Federal da Bahia, sendo reconhecido, em 2020, pelo Prêmio Jabuti de Literatura, na categoria romance literário.

Em relação ao título do romance, destaca-se que “Torto Arado” foi escolhido por abordar uma reflexão acerca das condições dos escravos e suas gerações futuras, destacando como as chagas da escravidão ainda persistem na sociedade e impactam o futuro de várias gerações. Por intermédio da leitura atenta do romance e para a elaboração desta pesquisa, pode-se concluir que a leitura da obra apresenta uma densidade de conteúdos, os quais são necessários, devido ao fato de abordarem temas de grande relevância para a sociedade atual e futura.

Conforme Almeida e Dantas (2019), pode-se afirmar que a narrativa pauta-se a partir de um fato ocorrido na infância, o qual é narrado pela história de duas irmãs, Bibiana e Belonísia, e também de toda a sua linhagem familiar. Desse modo, cita-se que as irmãs são filhas do curador espiritual Zeca Chapéu Grande e da parteira Salustiana Nicolau. Ademais, elenca-se que o romance estrutura-se em três grandes partes, a saber: Fio de corte; Torto arado e Rio de Sangue, as quais são narradas por, respectivamente, Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira. Salienta-se, ainda, que o autor utiliza trocas de foco narrativo, nos quais inclui a voz de entidades superiores, para contar fatos do passado e suas consequências no futuro.

O livro divide-se em duas partes, sendo que a primeira é narrada por Bibiana, enquanto a segunda é descrita por sua irmã Belonísia. Nesse sentido, as moças são filhas de Zeca Chapéu Grande, um dos trabalhadores de Água Negra e líder do jarê - religião afro-brasileira praticada na região da Chapada Diamantina, influenciada pela umbanda, pelo espiritismo e pelo catolicismo. Acerca disso, recorre-se a Araújo e Acioly (2016, p. 573), os quais mencionam que as religiões de matriz afro-brasileiras “não cultuavam nenhum espírito maligno, apenas espíritos que são associados à força da natureza, os quais são responsáveis pelo equilíbrio existente na terra”. No entanto, sua origem está ligada à espiritualidade e à ancestralidade dos negros escravizados trazidos ao país, bem como a todas as outras expressões culturais que representavam esse povo.

O livro “Torto Arado”, ainda, levanta o debate a respeito da intolerância religiosa, a qual se origina a partir de uma sociedade que se beneficiou do processo de objetificação de um povo, mas que nunca levou em consideração suas manifestações culturais. Nas ponderações de Araújo e Acioly (2016), o referido romance aborda um teor regionalista-político na década dos anos 30, o qual está ligado a uma representação de uma realidade periférica e pouco valorizada até esse momento da história. Vieira Junior (2019) destaca, também, em sua obra, a baixa qualidade de vida das personagens que habitam a fazenda Águas Negras, a negligência do governo - no que diz respeito à fiscalização dos direitos trabalhistas no interior do Brasil - e o poder místico do Jarê.

As irmãs Bibiana e Belonísia, narradoras do romance, são filhas do curador Zeca Chapéu Grande, figura patriarcal, tanto na religião, quanto na comunidade de agricultores que residem na fazenda. Assim, ele era responsável por presidir as festas de Jarê que ocorriam em sua casa. Araújo e

Acioly (2016) destacam que religião de origem africana abordada no romance mantém uma certa superioridade numérica em relação aos demais adeptos da região, mas, mesmo assim, existe um conflito com atitudes repressivas encorajadas pelo comprador da fazenda, o qual coordena ataques contra os moradores que se negam a aceitar seu modo de administrar a fazenda. Além disso, essa personagem procura convertê-los ao protestantismo.

Nessa perspectiva, surge uma tensão entre o cristianismo de vertente protestante e o jarê. Tem-se, então, a utilização da conversão religiosa como agente modalizador do domínio sobre a parcela da população que se rebela contra as injustiças cometidas pela elite. Diante desse cenário indaga-se a questão de como a espiritualidade se apresenta na memória discursiva das narradoras do romance “Torto Arado”. Dessa maneira, este estudo procura desnaturalizar a ideologia dominante e promover debates que, por vezes, são silenciados pela memória coletiva. Para tanto, utiliza-se a literatura como reflexo dos problemas e demandas que atravessam o cotidiano da sociedade.

Um dos conceitos importantes para a Análise do discurso de linha francesa é o de “formação discursiva”, conceito esse relacionado diretamente à problemática do sujeito, em seu duplo aspecto de constituição, ou seja, linguístico e sócio-histórico.

Nesse sentido, considera-se fundamental apresentar aqui algumas noções de formação discursiva sob a ótica de teóricos conhecedores do tema em destaque nessa pesquisa.

Conforme destaca Grangeiro (2023) a formação discursiva em Foucault desenvolve-se principalmente na Arqueologia do Saber, publicado em 1969. Em História da Loucura e o Nascimento da Clínica ele já havia apresentado análises acerca dos mecanismos de constituição do saber da medicina e da loucura.

A mesma autora aponta ainda que na obra As palavras e as coisas, Foucault faz uma análise sobre os saberes da época clássica para a época. Com relação aos temas da vida, do trabalho e da linguagem. Além disso, destaca:

Através dessa análise, ele aponta as relações entre dizer e fazer. Distanciando-se, tanto da ideia de que a palavra é a coisa, como da concepção platônica de linguagem como representação, Foucault defende que a palavra institui a coisa, ou seja, se a linguagem se coloca em movimento pelos discursos, então, são esses discursos que instituem os objetos de que falamos; é a discursivização, o falar sobre que constitui o “referente”. Assim sendo, ele não procede a sua análise partindo do sujeito ou do objeto porque, para ele, esses elementos não existem a priori. Eles só vão existir a partir do momento em que forem constituídos por uma prática dentro de uma sociedade, como por exemplo, o corpo. Na Idade Média, o corpo do homem não era visto da mesma forma que no século VIII, pelo fato de encontrar-se aquela episteme bastante determinada pelo teocentrismo, pelas superstições, etc., diferentemente do século VIII em que, com a descoberta da patologia, o corpo passa a ser visto como um conjunto de órgãos e a Medicina passa a discursivizá-lo, a fabricar práticas/dizeres sobre ele. (GRANGEIRO, 2023, P. 2)

Diante dessas afirmações, pode-se dizer, segundo a visão de Foucault que o próprio sujeito é considerado uma posição discursiva, ou seja, uma função dos discursos.

De acordo com Grangeiro (2023), para Foucault as formações discursivas não são compreendidas em termos de ideologia, termo profundamente marcado historicamente pelo viés marxista de posições no tocante à luta de classes. Assim, são concebidas em termos de saberes/poderes.

Pêcheux (1995) citado por Grangeiro (2023), defende a ideia da formação discursiva como uma conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes. Sendo assim, essa formação determina o que pode e deve ser dito.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Beatriz Farias; DANTAS, Aloísio de Medeiros. A Tensão Entre A Religião Cristã E Afro-Brasileira Na Memória Discursiva Das Narradoras do Romance Torto Arado, De Itamar Vieira Junior (2019). Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/desfazendo-genero/2021/TRABALHO_COMPLETO_EV168_MD_SA_ID_07122021111800.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2024.

ARAÚJO, Victor Antônio Bispo de; ACIOLY; Augusto Cesar. Intolerância contra afro-religiosos: Conhecendo o candomblé dentro da sala de aula. In: XVII Encontro Estadual de História–ANPUH-PB, e-ISSN:2359-2796, v. 17, n. 1, 2016.

BARONAS, Roberto Leiser. Formação discursiva e discurso em Foucault e em Pêcheux: notas de leitura para discussão, 2011. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/5SEAD/SIMPOSIOS/RobertoLeiserBaronas.pdf>>. Acesso em: 12 ago. de 2023.

FRANCELINO, Pedro Farias. O conceito de formação discursiva na análise de discurso: contribuição foucaultiana para a constituição de um campo interdisciplinar do saber, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/dclv/article/download/7473/4539/>>. Acesso em: 12 ago. de 2023.

GRANGEIRO, Cláudia Rejane Pinheiro. A propósito do conceito de formação discursiva em Michel Foucault e Michel Pêcheux, 2023. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/ClaudiaRejanePinheiroGrangeiro.pdf>>. Acesso em: 02 jul. de 2023.

JUNIOR, Itamar Vieira. Torto arado. São Paulo: Todavia, 2019.

NARZETTI, Claudiana. Para uma história epistemológica do conceito de formação discursiva. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 18, n. 3, p. 647-663, set./dez. 2018.

PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1995 [1975].